

ENTREVISTA COM ALEX PRIMO: A REINVENÇÃO DA AMIZADE NA CIBERCULTURA

Patrícia Pivoto Specht*

O professor e pesquisador Alex Primo¹, especialista em cibercultura, mídias sociais e interação mediada por computador, tem duas graduações: Publicidade e Propaganda e Jornalismo, além de Mestrado em Jornalismo pela universidade americana *Ball State University* (1993) e doutorado em Informática na Educação pela UFRGS (2003). O curioso é que o Mestrado veio antes da graduação. Isso ocorreu porque, ao retornar dos Estados Unidos, em 1993, com o título de mestre recém-conquistado, surgiu uma vaga na RBS TV, emissora de televisão de Porto Alegre (RS), e Primo se interessou. Só que não bastava ser mestre para ser contratado; era necessário o registro profissional de jornalista. Foi quando decidiu que precisava também da graduação, que foi cursada na Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Como na mesma época ele já era professor de Publicidade e Propaganda na mesma instituição, Alex era docente e aluno ao mesmo tempo. O que lhe rendeu histórias para contar, como o fato de ter um aluno na Publicidade que, horas depois, virava seu colega no curso de Jornalismo.

Primo já assinou uma coluna chamada “Homem-Máquina” no site Nova Economia e teve uma empresa de inteligência artificial, onde inventou Cibele, uma robô depressiva de conversação, conforme definição do próprio criador. O nome, anos mais tarde, batizou sua única filha, hoje com cinco anos, sua paixão incondicional - seus alunos atestam que não há aula em que ela não seja lembrada. Fã da saga *Star Wars* e mágico nas (poucas) horas vagas, Primo publicou, entre outros, os livros *Interação Mediada por Computador* (2007) e *Interações em Rede* (2013). Atualmente, o professor coordena o Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC), da UFRGS, justamente onde surgiu a ideia de ouvir internautas para desvendar a natureza das relações de amizade estabelecidas e mantidas por meio de serviços de comunicação *on-line*, em especial os sites de redes sociais. O questionário *on-line* lançado pela equipe de Primo foi respondido por mais de oitocentas pessoas residentes nas regiões Sul e Sudeste do país. Os resultados da

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

1 Professor e pesquisador de redes sociais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). alex.primo@gmail.com

pesquisa² são a base da entrevista a seguir, feita em junho de 2016 na sala do LIMC, na UFRGS, em Porto Alegre, no Rio Grande do sul. Também participaram da pesquisa a doutoranda Vanessa Valiati e as mestrandas Laura Barros e Ludmila Lupinacci, ligadas ao PPGCOM da UFRGS.

Qual a motivação inicial do projeto? Por que tentar entender como as pessoas se relacionam on-line?

Primo: No Mestrado, tive o primeiro contato com o tema da comunicação interpessoal, em uma época em que o foco dos estudos era quase todo em comunicação de massa. Continuei interessado no assunto no Doutorado, mais focado em interações, conversações e seus desdobramentos. O projeto que desenvolvo agora retoma essas questões e busca entender as amizades na cibercultura. E ele tem várias vertentes. Uma delas recupera o conceito de amizade, desde a Grécia até a atualidade. Paralelamente a esse resgate histórico, montamos o questionário e definimos como e quando começaríamos a ouvir as pessoas. E colocamos a pesquisa na rua (ou na rede, melhor dizendo), a partir nos nossos próprios relacionamentos *on-line*. Mais de mil pessoas responderam, mas aproveitamos um pouco menos, por recomendação de nosso estatístico. Não consideramos, por exemplo, as respostas de algumas pessoas de estados como Roraima e Rio Grande do Norte, pois ficaria pouco representativo deste universo e comprometeria a credibilidade da pesquisa. Ficamos, então, com 810 pessoas residentes nas regiões Sul e Sudeste, com pelo menos o Ensino Superior Incompleto. Nossa pesquisa não é focada em adolescentes, com os quais a maioria dos estudos se preocupa. Está prevista também a parte qualitativa do projeto, com entrevistas e grupos focais com algumas das pessoas que concordaram em passar para esta etapa [*ao final da entrevista, o internauta respondia se concordava em ser entrevistado*]. Vamos privilegiar pessoas que morem em Porto Alegre, para que possamos encontrá-las pessoalmente, mas também devemos fazer algumas entrevistas por *Skype*, se necessário. Vamos conversar com as pessoas para saber como elas mantinham as amizades, por exemplo, por meio do *Internet Relay Chat (IRC)*, nos primórdios da internet, do *ICQ*, que significa "*I seekyou*", um programa de mensagens instantâneas surgido antes do *MSN*, da Microsoft. E depois tem o próprio *MSN*, o *Orkut* e outros tantos serviços que já não existem mais. Muitos

2 A pesquisa é tema do artigo "Conversações Fluidas na Cibercultura", de autoria de Alex Primo, Vanessa Valiati, Laura Barros e Ludmila Lupinacci, disponível na biblioteca da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), no endereço http://www.compos.org.br/biblioteca/conversacoesfluidas_3267.pdf

dos nossos entrevistados viveram essas experiências, é memória viva que precisa ser escutada e registrada. Nosso interesse, portanto, é entender os hábitos e as relações nestes diferentes ambientes, e como isso foi se transformando, ao longo do tempo, no que toca à privacidade; o que as pessoas mostram e o que escondem de si, que tipo de cuidados têm, o que conversam, como conversam.

Os entrevistados revelaram na pesquisa que espalham suas conversações por múltiplas e variadas redes sociais, dispositivos ou *hardware*, dependendo do ambiente, da necessidade e até do tipo de conexão disponível no momento. Que tipo de fenômeno é esse?

Primo: São as conversações fluidas, ou seja, as pessoas estão usando e combinando várias ferramentas e plataformas e dispositivos de forma simultânea. Muitas vezes, a mesma conversa migra de um lugar para outro. O que notamos também é que as pessoas hoje têm conhecimento dos diferentes serviços *on-line*, sabem como manter uma conversa diante dessa gama imensa de opções. Um exemplo é o *Snapchat*, um serviço de trocas de imagens autodestrutivas, que se apagam logo depois de terem sido vistas. Se ele é popular no momento é porque supre alguma necessidade das pessoas, provavelmente de controle maior da privacidade. Tudo isso é uma sofisticação no comportamento comunicacional das pessoas diante de um leque muito grande de possibilidades. Além disso, combinamos serviços diferentes. O e-mail, por exemplo, pode passar uma sensação de segurança em algum tipo de relação, já que ali não aparece o celular do remetente. No *WhatsApp*, o número do celular aparece, ou seja, a pessoa com quem estou trocando mensagens pode me ligar. Se não quero correr esse risco, não uso o *WhatsApp*. Mas posso postar uma foto no *Snapchat* e falar sobre ela no *WhatsApp*. Isso é uma conversa fluida. Ficou muito evidente na pesquisa que as pessoas combinam o uso das ferramentas para conversar e se relacionar. Nem sempre é tão consciente, aliás, essa passagem de um sistema a outro.

O *Facebook* é a ferramenta digital mais usada pelos entrevistados para fazer amizades e manter contato com os amigos. As amizades na contemporaneidade passam pelo *Facebook*? Que tipo de amizade é essa?

Primo: São poucas as pessoas que não tem *Facebook*, e a pesquisa confirmou isso. Mas não é tudo que passa pelo *Facebook*, principalmente no que diz respeito às relações de amizade. A pesquisa mostrou que as pessoas estão diversificando e transferindo suas

relações e formando grupos em outros lugares, como no *WhatsApp*, de propriedade do *Facebook*. Outras relações foram transferidas para o *Instagram*, que também é do *Facebook*, o que dá um poder gigantesco a essa empresa. Uma parcela, ainda que pequena, usa e-mail para manter relações de amizade, e também o *SMS* (*Short Message Service*). Na pesquisa, tínhamos perguntas específicas sobre o comportamento das pessoas no *Facebook*, e não é surpresa que ele seja o mais utilizado, mas agora temos números para comprovar isso. E o que chama atenção no *Facebook*, e a pesquisa evidenciou isso, é que a plataforma pode ser usada para fins muito diversos, abriga relações muito diferentes, é muito flexível nos seus usos. Alguns usam para trabalho, relações íntimas, divulgar um show, debater política, ler notícias etc. É um serviço muito amplo, usado para diferentes finalidades. Mas não para todas. Para encontrar parceiros sexuais, os entrevistados disseram usar mais o *Tinder*, um aplicativo de encontros. Mas o *Tinder* não é mencionado para manter amizades! Outra curiosidade é que muito jovens estão debandando do *Facebook* porque os pais e outros familiares estão ali, olhando tudo. E eles querem garantir uma certa privacidade de suas publicações.

Os encontros presenciais (*offline*) estão sendo preteridos ou incorporados a esta nova configuração de amizade? A tecnologia nos aproxima ou nos afasta? Estamos perdendo algo ou foi só a amizade que se transformou?

Primo: Há uma inter-relação entre o *on-line* e o *offline*. No *on-line* as pessoas podem criar novos namoros, amizades, relações, que também podem estar e se fortalecer no *offline*. Se saio com um grupo de amigos para confraternizar e fazemos uma *selfie* que é postada no *Facebook*, misturamos os dois mundos, que não são separados. E isso se deu muito em função do celular, que está no bolso, que carregamos para todo lugar e que tem funções cada vez mais úteis. Posso, por exemplo, ditar respostas ao meu relógio enquanto dirijo meu carro. O celular está conectado ao relógio, que me avisa quando chegam novas mensagens. Antes, para mandar uma mensagem, eu precisava sentar em frente a um *desktop*. Tudo isso se amarra ao *offline*. Dentro de casa, por exemplo, as conversações também são fluidas. A pessoa pode ter usado o smartphone no quarto e, ao entrar no escritório, continuar a conversa no *desktop*. Ela estava no *WhatsApp* no celular e usa a mensagem privada do *Facebook* no computador. Isso apareceu na nossa pesquisa. E como a amizade é um fenômeno comunicacional, que só pode existir através de conversações, ela se beneficia da comunicação. Atualmente, como há um excesso de ferramentas e uma variedade muito grande de espaços para a comunicação, as pessoas

conseguem ter mais amigos do que antes. Por outro lado, sabemos que nem todos os contatos de uma pessoa no *Facebook* são amigos de fato, ou, pelo menos, representam um outro tipo de amizade, diferente do que estávamos acostumados. Neste sentido, também é interessante avaliar com quantas pessoas amigas a pessoa de fato conversa num determinado espaço de tempo. Isso dará pistas de como se constroem essas relações. Outro detalhe é que antes usávamos somente a voz para nos comunicar com os amigos; agora há outras formas de contato, e aí conseguimos gerenciar melhor esses relacionamentos. Antes, nos primórdios, todas as relações eram presenciais, hoje não são mais. Posso mandar respostas automáticas, posso responder mensagens enquanto dirijo. Então esse número de amigos realmente pode aumentar. Hoje posso buscar na internet amigos de outras épocas da minha vida, retomar amizades muito mais facilmente. Por outro lado, se a quantidade aumentou, podemos questionar a qualidade das relações. Posso ter agora uma quantidade maior de laços fracos do que antes, quando tinha poucos laços fortes. É o que alerta a autora norte-americana SherryTurkle: podemos estar sozinhos, ou nos sentir assim, mesmo cercados de pessoas ou amigos. Para ela, esse é um fenômeno atual, provocado pelas relações *on-line*.

A pesquisa confirmou que o *WhatsApp* é muito usado por jovens (o percentual de uso decresce na medida em que a faixa etária se eleva), enquanto o e-mail é mais utilizado por pessoas mais velhas (85,1% dos entrevistados com mais de 50 anos disseram usar a ferramenta). O e-mail aparece mais combinado com outros serviços, não como único canal de comunicação. Além disso, o e-mail não é opção quando a intenção é “bater papo” e conversação imediata, justamente por não ser “em tempo real”. O e-mail irá sobreviver em meio à combinação de vários serviços, ou a tendência é que desapareça?

Primo: Durante muito tempo, o e-mail era a única ferramenta que existia, para tudo. Hoje a variedade é muito maior, então o uso do e-mail, obviamente, diminuiu. Além disso, ele agora é usado mais para fins específicos, provavelmente em questões de trabalho. Mas o e-mail não vai morrer, ele é necessário, especialmente porque a mensagem fica registrada. Por outro lado, o *WhatsApp*, que apareceu como preferido dos mais jovens, também está sendo muito usado por pessoas mais velhas, da terceira idade, que montam grupos de interesses específicos. Será que a forma de utilização é a mesma dos mais jovens? Que dificuldades eles enfrentam? Vamos montar grupos focais por faixa etária para descobrir. Outra questão diz respeito às *affordances* dos objetos,

ou seja, para que ele foi projetado, qual o seu potencial. Vamos tentar entender o que os objetos oferecem e como condicionam, limitam e transformam as relações. O foco da pesquisa é olhar as conversações entre humanos, levando em conta também o fator não-humano, os algoritmos, os serviços *on-line*.

Estamos assistindo a uma intensa exposição voluntária de intimidades nas redes sociais. As pessoas estão mais liberais em relação à sua intimidade ou trata-se apenas de autopromoção, ou seja, revelo meu íntimo editado (feliz e satisfatório, na maior parte das vezes) no intuito de garantir aprovação, ser aceito e fazer amigos? Isso faz parte da lógica da amizade dos tempos pós-modernos?

Primo: Faz parte de um aprendizado. As pessoas estão aprendendo a estar nas redes digitais, lugar onde as fronteiras que separam os espaços público e privado estão cada vez mais borradas e tênues. Os conteúdos postados *on-line* vão ser lidos e vistos por muitas outras pessoas, e nem todos têm total consciência disso ainda. Vivemos uma fase curiosa com os debates políticos nas redes. Parece que a amizade se limita apenas ao aspecto político, ou seja, se ele não pensa como eu, devo bloqueá-lo, deixar de ser amigo. Que amizade é essa? Tu gostas dele só por causa do partido político que ele segue? É claro que se o amigo revela ali um comportamento eticamente muito questionável, os laços serão partidos fisicamente também, ou seja, vou evitar aquela pessoa, em todas as instâncias. Ainda em relação à privacidade, um comportamento verificado é a criação de listas no *Facebook*, o que, de certa forma, faz com que se limite a visualização dos conteúdos. Por outro lado, é difícil e demorado fazer isso. É preciso parar e marcar, um por um, quem eu quero que tenha acesso à determinada postagem. Isso pode ser tedioso e trabalhoso. Então tudo continua muito aberto e exposto. Por outro lado, muitas celebridades vazam fotos intencionalmente para que público e imprensa falem e disseminem.

O conteúdo jornalístico produzido pelos veículos de comunicação de massa tradicionais não é mais a única fonte de informação disponível. Pelo contrário, o acesso facilitado à tecnologia embaralhou as fronteiras entre quem produz e quem consome informação e notícia, e empoderou o público, que agora pode produzir e compartilhar fotos, vídeos e relatos variados do cotidiano. A relação entre redações de jornais e seus leitores, portanto, está sendo forçada a mudar. Partindo dos teus

conceitos de interação reativa e interação mútua (1998),³ qual tua análise sobre as relações atuais estabelecidas entre Mídia e audiência?

Primo: As cartas e as ligações, os telefonemas dos leitores sempre existiram, mas foram substituídos, com a internet, pelos e-mails. Mas a grande mudança veio quando outros grupos começaram a produzir e a publicar notícia de forma independente, sem o crivo das empresas jornalísticas tradicionais. É claro que muitas dessas experiências alternativas não deram certo, porque é muito caro e difícil fazer jornalismo *on-line* diário. E também porque, em muitos casos, o produto não tinha qualidade suficiente para atrair e manter leitores de forma continuada. Mesmo assim, as empresas jornalísticas tradicionais passaram a incluir em seus veículos alguns serviços criados a partir dessas experiências independentes. Os jornais passaram a ter comentários (popularizados pelos blogs, por exemplo), *likes* e botões para compartilhamento de conteúdo em mídias sociais. Havia necessidade de abrir espaço para as pessoas falarem. Hoje, não há mais como pensar em jornalismo sem participação do público. Não é preciso ter um jornalista em cada esquina, mas há um cidadão em cada esquina, com seu *smartphone*, e muitas vezes ele está disposto a colaborar com a Mídia, mandando fotos do protesto, do acidente. E é só ligar o rádio, por exemplo, para receber convites, a todo instante: mande fotos, envie vídeos, depoimentos etc. A Mídia só ganhou com esse processo, mas ainda há muito a evoluir, em especial estimulando as interações mútuas, aquelas que geram relações mais complexas, com impacto e reciprocidade, com formas de negociação. Neste tipo de relação, cada agente, ativo e criativo, influencia o comportamento do outro, e também tem seu comportamento influenciado, e isso representaria muitos ganhos para a produção jornalística. No que diz respeito ao trabalho do não-jornalista, ele é encarado, muitas vezes, como uma ameaça ao trabalho, já bem precário, do jornalista formalmente empregado. Só que o jornalista sabe que precisa ouvir o público e criar estratégias de fidelização. E dar voz ao público de forma sistemática só estimula a participação de mais leitores. Se alguém no trânsito colabora com informações de um congestionamento, por exemplo, outros se sentem estimulados a mandar mensagens também.

Passada a fase caracterizada pelo predomínio de uma certa euforia em relação aos benefícios da tecnologia, parece estarmos vivendo, nos meios acadêmicos e fora

3 Os conceitos de interação mútua e interação reativa estão detalhados no texto que pode ser acessado em http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf

deles, principalmente, um momento “bola ao centro”, marcado por reflexões menos apaixonadas a respeito do impacto da tecnologia na vida humana. Isso ocorre de fato? Por que agora?

Primo: Acho que sim. A revolução tecnológica já passou, é história. A tecnologia vai se naturalizando, entrando no nosso cotidiano. E há inclusive pessoas repensando o uso abusivo da tecnologia, pessoas que estão desligando os equipamentos mais do que antes, pessoas que estão conseguindo deixar para responder depois a mensagem que entra a todo instante. De qualquer forma, ainda há muito a avançar. Muitas pessoas ainda vão a shows e passam o tempo todo com a câmera na mão, filmando, fotografando e fazendo *selfies*.

Entrevista recebida em: 23 de junho de 2016.

Entrevista aceita em: 04 de novembro de 2016.